

Editorial

O que o movimento *queer* tem a dizer a nós, educadores? Que desafios trazem os adolescentes e jovens que assumem pertencer ou ter interesse em experimentar essa zona fronteiriça entre os gêneros para o ambiente da escola? O que significa ser não binário em uma sociedade moldada na separação homem-mulher? Em busca de respostas a essas questões mais ampliadas sobre gênero que se tornaram bastante frequentes na esfera educacional, *Veras* entrevista Guacira Lopes Louro, professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e fundadora do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero).

Tendo iniciado sua trajetória acadêmica estudando a condição feminina na educação, a autora de *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer* (Autêntica, 2004) relembra como dessa primeira reflexão sobre as relações de dominação presentes no mundo contemporâneo, como a de homem e mulher, ampliaria aos poucos seu escopo de análise para incluir, amparada por teóricos como Michel Foucault, Joan Scott e Judith Butler, os “estranhos, esquisitos, excêntricos” reunidos em torno da expressão *queer*. O movimento *queer*, uma expressão “guarda-chuva” que abrange diversas identidades não heterossexuais, rejeita a concepção binária de masculino e feminino, e, por isso, encontra resistência tanto entre os conservadores quanto entre alguns movimentos feministas e de gays e lésbicas, para os quais a questão identitária e a integração à sociedade são valores importantes. Como Guacira observa na entrevista, o *queer* tem características pós-identitárias. Algo que poderia ser resumido nesta frase: “Somos o que somos, não estamos interessados em nos integrar e vocês que nos aguentem”. A conversa ganhou vida e movimento com os comentários da professora-cinéfila, estimulada pelo entrevistador também cinéfilo, sobre diversos filmes que abordam os temas desse trinômio complexo: sexo,



gênero e sexualidade. Como a entrevistada destaca, as aulas sobre sexualidade na escola precisam ir muito além do aparelho reprodutor e chegar aos afetos. E o cinema pode ser uma boa porta de entrada para as emoções que esse tema suscita.

Esta edição, que celebra a ascensão da revista *Veras*, na avaliação quadrienal 2017/2020 realizada pela Capes, para o conceito B1 nas áreas de Educação, Ensino e Psicologia, tem continuidade com o artigo *De atelierista a cartógrafo: deslocamentos e entrelaces no papel do professor de arte na educação infantil*, de Nataly Espadaro Grande. Nele, a autora inicialmente caracteriza as duas tendências majoritárias na história da arte-educação no Brasil, a livre expressão e o controle da expressão, correspondendo, respectivamente, às concepções espontaneísta e transmissiva de ensino. Em seguida, propõe o espaço do ateliê como um possível caminho entre essas duas concepções, não necessariamente antagônicas, e para isso busca substrato teórico e documental nas ideias do educador italiano Loris Malaguzzi, colocadas em prática na região da Reggio Emilia. Destacando que o professor que conduz atividades em um ateliê de artes deve acolher as “teorias moles” das crianças por meio de boas perguntas, ela observa que é papel da escola garantir a oferta de uma “gramática tátil mais rica”. E entre os possíveis meios para isso, nas aulas de arte-educação em creches e na Educação Infantil, a onipresente argila tem um papel importante, por guardar a “memória de forma”, ou seja, conservar os traços de sua manipulação. Amparada em material produzido com argila por crianças da Reggio Emilia, a autora encerra sua reflexão constatando que “ser professor de arte na Educação Infantil é trilhar o caminho do meio, é encontrar a linha tênue entre controle e liberdade”.

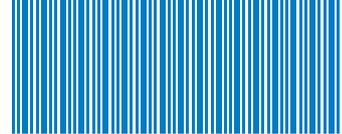
A colaboração seguinte, *Biblioteca escolar e biblioteca de sala: qual papel está lhe sendo designado no trabalho didático?*, de Julia Alves de Farias Barbato, tem sua ênfase na formação docente. Só forma leitores quem já é leitor – e, infelizmente, muitos professores não o são. Como frisa a educadora argentina Delia Lerner, citada no artigo, “aprender a ler, lendo e escrever, escrevendo são discursos muito frequentes, mas pouco praticados”. O artigo traz as



observações feita em trabalho de campo que durou três meses de como duas professoras titulares e duas auxiliares, além de uma bibliotecária, um professor de sala de leitura e uma recreadora, atuavam junto a duas turmas de 1º ano de Ensino Fundamental em relação aos livros e ao espaço dedicado a eles. A constatação é que o acervo das bibliotecas de classe raramente eram explorados pelas crianças ou pelas docentes, mesmo que os livros estivessem ao alcance e a oferta fosse variada, vinda da seleção realizada pelo MEC e enviada às escolas públicas no âmbito do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa). O que certamente revela a necessidade de se investir na formação leitora do professor, para que este, sendo um leitor ativo e crítico, seja capaz de transmitir o mesmo deleite da leitura que sente aos seus aprendizes.

Na mesma linha de formação leitora é a contribuição seguinte, de Luís Renato Silva Maldonado, *Literatura na escola: um relato de experiência de formação docente por meio da leitura compartilhada*. A experiência relatada é a criação de um clube de leitura em uma escola estadual, que contou com o apoio de uma editora e realizou a leitura comentada de quatro obras literárias ao longo do ano letivo. Uma avaliação qualitativa feita junto aos docentes participantes encerra esse sugestivo relato de experiência, na qual algumas trajetórias leitoras se consolidaram a partir da prática de leitura mais sistematizada feita no ambiente escolar.

Arte, estética e docência: caminhos possíveis para dialogar com as infâncias, de Jeane de Araujo Silva e Mariana Americano, traz alguns desdobramentos práticos da chamada abordagem Pikler. Proposta pela médica pediatra austríaca Emmi Pikler, ela parte da observação de que o mundo é apresentado ao bebê aos poucos. Na medida em que se ampliam os espaços e o número de pessoas conhecidas, acontece a constituição das experiências estéticas vividas pelo bebê. Dessa forma, quanto mais conectados às suas cuidadoras, quanto mais se sentirem acolhidos e protegidos, mais os bebês conseguem se desenvolver de forma autônoma e saudável. Mas, para isso acontecer, é preciso observar o tempo necessário à formação da experiência por parte da criança, movimento este muitas vezes atropelado pela



ansiedade adulta. Nesse sentido, observa a autora, propiciar às crianças a fruição do tempo necessário à experiência e à sua elaboração vai no sentido oposto à já comentada “pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo”, segundo a observação de Walter Benjamin. O artigo conceitua, ainda, as diferentes concepções contidas nas palavras gregas Chronos e Kairós, ambas relacionadas à ideia de tempo.

A colaboração seguinte se debruça sobre outra importante questão educacional. Em *O fracasso escolar em pesquisas acadêmicas na atualidade*, os autores Fernanda Quatorze Voltas, Antonio Francisco de Castro, Bianca Luiza Nérís Sabino e Tainá Cassaro S. Rafalski realizam uma pesquisa diacrônica qualitativa, abrangendo trabalhos acadêmicos sobre fracasso escolar publicados entre 2015 e 2020. Tendo como base de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o estudo conclui que contemporaneamente o fracasso escolar tende a ser discutido a partir de uma visão mais ampla, que busca contextualizar e evidenciar os múltiplos fatores de sua produção. A conclusão aponta para a superação de concepções anteriores, que tendiam a ver a questão do fracasso escolar de maneira mais focalizada, e não de forma abrangente, com suas múltiplas dimensões, entre elas a nada desprezível desigualdade social, responsável pelo elevado índice de evasão escolar, especialmente nos anos do Ensino Médio.

Por fim, encerra esta edição a resenha de uma importante publicação surgida na esteira de diversas reflexões sobre educação antirracista. A obra *Quem quer (pode) ser negro no Brasil*, de Rodrigo Edenilson de Jesus (Autêntica, 2021), é analisada por Guilherme Augusto Vasconcellos Isidoro. Mais um capítulo sobre essa temática que se junta à série de artigos, relatos de experiência, entrevistas e resenhas que seguimos publicando desde nosso “Dossiê de Educação Antirracista”, publicado na Veras edição n. 11 v. 1 (2021).

Boa leitura!

Regina Scarpa (diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz),
Ricardo Prado e Adriana Dantas (editores da revista Veras)

